



ACIEPE Percursos Culturais e Urbanos na Cidade

Aluna: Arieli Januzzi Buttarello

Aulas 1 e 2

Pautadas na apresentação de conceitos sobre a definição de “cidade”, tais aulas introdutórias trouxeram à tona vários diálogos entre diferentes percepções, áreas de saberes e entendimentos sobre um mesmo objeto: há vários olhares sobre a cidade.

Diante alguns conceitos apresentados definidos por autores de diversos campos de estudo; trago certas afinidades com alguns. As apresentações feitas remetem à busca de outros entendimentos sobre tal temática, sendo aqui adicionadas algumas outras visões interessantes.

Minha perspectiva enviesa um entendimento que associa tudo o que condiz ao urbano a paradoxos. O crescimento das cidades que culminará ao que presenciamos atualmente traz a impessoalidade e o anonimato; porém, os indivíduos urbanos estão sempre em busca da heterogeneidade.

Dentro disso, temos os estudos de George Simmel (1967) que explicita que o surgimento da metrópole permitiu que a modernidade viva, trazendo a individualidade dupla (anonimato/busca de diferenciação) e o devir urbano (indivíduo “para ser alguém na vida” deve buscar adaptar-se às metrópoles; à tal vida agitada; à tudo o que urbano traz e relaciona com a noção de desenvolvimento. Em síntese, o indivíduo deve sair da cidade pequena e buscar a cidade grande, que lhe oferecerá a tal liberdade e o alcance do progresso.

Entre a questão da dicotomia homogeneidade/heterogeneidade dos indivíduos, podemos associar também os estudos de Roberto Da Matta (1991) que vê a cidade além do espaço físico analisando os espaços da Casa e da Rua como “entidades morais”, com a primeira sendo o local da compreensão e da individualidade e a segunda o local de anonimato e isolamento. A partir disso, várias referências sobre a separação e a mistura de tais espaços podem ser bases para o desenvolvimento das análises que faremos nesta Aciepe.

Referindo-se também sobre o urbano, temos Anthony Giddens (1993) que reflete sobre a “desatenção civil” que a metrópole veio impor: convivemos com pessoas diferentes em um mesmo espaço (a cidade apresenta-nos muitos desconhecidos) e há várias situações que devemos fingir não ver o outro, como quando estamos andando na rua, estamos em um ônibus ou qualquer outro lugar que estamos em muitos e devemos respeitar o “espaço pessoal” do outro.

A partir do documentário Desconstruindo Paris; pode-se pressupor que o conceito mais generalizado sobre o urbano atualmente é o de noção de cidade

como “desenvolvimento” – a idealização para tal são as ciências e as tecnologias consoando-se com a busca de um bem-estar social.

Pressupõe-se também que um dos desdobramentos de tais fatos pode ser o fenômeno de “afastamento” da cidade: ao mesmo tempo em que é na cidade que as melhores condições de alcance do tal progresso são oferecidas; os indivíduos das chamadas posições sociais privilegiadas buscam a fuga da cidade, levando a proliferação de condomínios fechados afastados dos Centros; construindo uma “cidade de muros” como afirmado por Caldeira (2000). A partir desse ponto pode-se sugerir que a posição social traz o afastamento da cidade sob dois modos: os “privilegiados” vivem a cidade de forma distanciada e os desprivilegiados vivem a cidade metaforicamente, tendo dificuldade em acessá-la de fato. Assim, a cidade transforma-se mais ainda em um conceito paradoxal, como já mencionado – as pessoas gostam tanto do urbano, mas têm medo de tal; as pessoas são definidas como urbanas, mas não podem viver o que se considera o lado bom do urbano.

Percebe-se, portanto, que a cidade realmente não é apenas um espaço físico. Suas definições relacionam multidisciplinaridades e diversas percepções. Pensar o urbano é importante por ser a forma mais disseminada de relações sociais e tudo o que engloba a vivência do homem definido como moderno.

Referências Bibliográficas

MATTA, R.A. A casa a rua. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 1991.

SIMMEL, G. et al. O fenômeno urbano. Otavio Guilherme Velho (org.) Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

CALDEIRA, T.P.R. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Frank de Oliveira (Trad.). São Paulo: Edusp, 1968.

Aulas 3 e 4 - Literatura e Cidade

Tendo por base o olhar do escritor para auxiliar em entendimentos sobre o espaço urbano; a representação literária aproxima-se da realidade do viver da cidade e do sentir a cidade.

Com as apresentações e discussões feitas em nossos encontros, pude compreender um pouco sobre análises “sociológicas” de outra forma. Do mesmo modo como os autores que tenho contato em minha formação acadêmica em Ciências Sociais são viventes de suas épocas experimentando e analisando o objeto cidade, os escritores que foram mencionados nessas aulas também. Para mim foi muito interessante poder ter esse outro olhar; o que posso tentar definir como um “sociologia romanceada” em que há uma relação não muito bem separada entre o morar na cidade e o observar a cidade, tal como os métodos sociológicos buscam tentar definir.

O espaço, as ruas, as relações e tudo mais o que implica no viver urbano é figurativo e ao mesmo tempo concreto nos escritos literários. Importante destacar que cada época histórica traz um entendimento social, e cultural, diferente.

Das obras apresentadas, a que me chamou a atenção – pelo fato de ser contemporânea a minha existência – foi a do escritor Luiz Ruffato. Intrigou-me o modo de ver a cidade como um caos e os que têm que viver nesse espaço serem sofredores. A cidade perde seu encanto; chegando a um possível ápice da aceleração, exclusão e crítica moderna. Tais representações instigam a busca de maior compreensão sobre como a cidade é entendida atualmente, levando ao brotar de ideias para um trabalho “final” de como coletar alguns desses entendimentos e disseminá-los.